

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

## **A importância do Complexo Industrial Militar Para a Grande Estratégia Norte-Americana no Pós-Guerra Fria**

*Hermes Moreira Jr.*

### **Resumo**

O objetivo do texto é identificar a importância que ocupa o Complexo Industrial Militar norte-americano na Grande Estratégia dos Estados Unidos no pós-Guerra Fria. Para muitos analistas, é o poderio militar norte-americano responsável por sustentar o país como principal potência do sistema internacional ainda nos dias de hoje, em meio a um intenso debate sobre o declínio econômico e o desgaste de sua imagem internacional. Procuramos discutir qual o comportamento desse Complexo Industrial Militar com o final da Guerra Fria, momento em que a dinâmica dos conflitos internacionais passa por uma série de alterações, principalmente no que diz respeito à corrida armamentista devido ao fim da bipolaridade e o questionamento e a não-aceitação do militarismo como instrumento político na agenda internacional.

**Palavras-chave:** Estados Unidos, Grande Estratégia Norte-Americana, Complexo Industrial Militar, Estratégia de Segurança Nacional, Declínio Hegemônico.

### **Abstract**

This paper aims to identify the importance that occupies the Military Industrial Complex in American Grand Strategy in the post-Cold War era. For many analysts, is the U.S. military responsible for sustaining the country as a major power in the international system even today, amid an intense debate about the economic decline and erosion of its international image. Which we discuss the behavior of this Military Industrial Complex with the end of the Cold War, when the dynamics of international conflicts undergoes a series of changes, mainly with regard to the arms race due to the end of bipolarity and the questioning and non-acceptance militarism as a political tool in the international agenda.

**Key words:** United States, American Grand Strategy, Industrial Military Complex, National Security Strategy, Hegemonic Decline.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

## INTRODUÇÃO

**E**m meio a um intenso debate sobre o declínio econômico e o desgaste da imagem internacional dos Estados Unidos, seguidos da demanda por redimensionamento das instituições multilaterais por ele arquitetada para fundar a ordem internacional do pós-Guerra, se reconhece a manutenção da superioridade militar norte-americana. Sobretudo, frente às recentes intervenções e manobras militares na Ásia Central e Oriente Médio, responsáveis por mostrar ao mundo a desenvoltura e disparidade do poderio militar estadunidense frente a seus combatentes ou mesmo a seus aliados. Nesse sentido, para muitos analistas é o poderio militar norte-americano responsável por sustentar o país como principal potência do sistema internacional ainda nos dias de hoje.

Com efeito, desde o pós-Guerra – e com o impulso da Guerra Fria – tem-se discutido o papel que o militarismo assumiu na construção da hegemonia internacional norte-americana. Não obstante, ao consolidar sua preponderância militar, os Estados Unidos criaram uma demanda industrial que foi responsável por dinamizar sua economia doméstica desde os anos da II Guerra Mundial e fomentar demais setores produtivos em momentos de crise, estagnação ou recessão. Denominada Complexo Industrial-Militar, essa estrutura, que congrega a demanda industrial à ação militar externa, é para muitos autores a principal responsável pelo aquecimento da economia norte-americana em períodos de dificuldades internas.

Sendo assim, nosso objetivo é discutir qual o comportamento desse Complexo Industrial Militar com o final da Guerra Fria, momento em que a dinâmica dos conflitos internacionais passa por uma série de alterações, principalmente no que diz respeito à corrida armamentista com o fim da bipolaridade e o questionamento e a não-aceitação do militarismo como instrumento político na agenda internacional. Ademais, tentaremos identificar se, no atual contexto, existe possibilidade do Complexo Industrial Militar sustentar a liderança hegemônica norte-americana para além do engajamento de suas forças armadas.

Para isso, procuramos de início definir as principais características do Complexo Industrial Militar e demonstrar seu papel na economia e política externa norte-americana. Em seguida, apresentamos as adaptações pelas quais ele passou no período pós-Guerra Fria para responder

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

às demandas desse novo contexto, pontuando sua adequação às estratégias dos governos de George H. Bush, Bill Clinton e George W. Bush. Por fim, buscamos demonstrar as possibilidades de manutenção da condição de liderança internacional dos Estados Unidos a partir do Complexo Industrial Militar ao longo do governo Obama, em meio aos debates cada vez mais presentes sobre o declínio hegemônico norte-americano.

## **REVISITANDO OS DEBATES ENTRE DECLINISTAS E RENOVACIONISTAS**

A partir das crises de finais dos anos 1970, impulsionados pelas transformações das relações internacionais, diversos debates se estabeleceram sobre a possibilidade de declínio da hegemonia norte-americana no cenário internacional (Keohane, 1984; Kennedy, 1989; Wallerstein, 1995; Arrighi, 1996; Johnson, 2000; Mearsheimer, 2001; Todd, 2003; Arrighi, 2008). Ainda assim, não foram poucos os que contrariaram essas expectativas (e ainda o fazem hoje) e apostaram no triunfo estadunidense frente ao novo século que se apresentava (Fukuyama, 1989; Krauthammer, 1990; Nye Jr., 1990; Wohlforth, 1999; Nye Jr., 2002; Brzezinski, 2004; Ikenberry, 2006; Leffler & Legro, 2008; Zakaria, 2008, Brooks & Wohlforth, 2009). De todas essas possibilidades abertas, qualquer que seja o posicionamento tomado frente a esses debates, deve-se ressaltar a presença de uma ordem em transição.

A emergência de uma realidade global unipolar ao final da Guerra Fria apresentava a possibilidade de constituição de um mundo sob o domínio de uma só potência. Mas a velha máxima do equilíbrio de poder sistêmico parece sempre disposta a voltar à tona<sup>1</sup> (Waltz, 1979). Mais ainda quando se observa a composição de uma nova ordem em que a distribuição de capacidades e atribuições dos atores internacionais, a partir de novos arranjos políticos entre os Estados que buscam contrabalançar o poder norte-americano, começa a se formar (Guimarães, 2005; Buzan, 2004, 2007; Vizontini, 2006; Colin, 2007; Khanna, 2008; Rice, 2008, Barbé, 2010).

Sendo assim, vale a pena se debruçar sobre a seguinte questão: vivenciaremos no início do século XXI um processo de aceitação por parte dos Estados Unidos dessa nova realidade

---

<sup>1</sup> Baseada no reconhecimento da estrutura anárquica do sistema internacional, a teoria realista identifica o auto-interesse e a auto-ajuda como condições principais da atuação dos Estados na política internacional. Em virtude disso, os realistas estruturais, como Kenneth Waltz, afirmam que a preponderância solitária de uma grande potência se trata de uma fase de transição, que retornará ao equilíbrio assim que uma coligação das outras potências restaurar a balança multipolar. A unipolaridade pode existir como um modo de transição, ou como um “momento unipolar”, mas não há lugar segundo, a visão dos realistas, para a exceção unipolar (Waltz, 1979).

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

proposta e uma reacomodação da distribuição de poder no cenário internacional em um plano multipolar, ou estaremos às vésperas de uma nova “jogada” dos Estados Unidos para reativar sua condição de principal e incontestada potência do cenário internacional?

Partimos da hipótese que, a despeito das fissuras partidárias e ideológicas em sua política doméstica, no que concerne às relações exteriores e conseqüentemente a posição do país no cenário internacional, grupos e atores políticos norte-americanos convergem na expectativa de recuperação de seu prestígio e preponderância internacional. Nesse sentido, uma estratégia de recuperação dessa condição deve ser traçada, tendo início a partir do primeiro governo da administração Barack Obama. E para tal, seria fundamental o resgate da imagem dos Estados Unidos como país de aspirações universalistas, de acordo com os anseios da sociedade internacional, ao contrário da imagem consolidada ao final dos oito anos da administração republicana de George W. Bush, em que a ênfase no interesse nacional foi uma constante nos discursos e prática norte-americanos.

Para isso, observamos a guinada norte-americana em um tema de fundamental importância para a comunidade internacional, a questão ambiental. Diante dos desafios lançados à sociedade global no século XXI, por diversas vezes em discursos e documentos oficiais, o presidente Barack Obama ressaltou a necessidade de adaptação do padrão tecnológico norte-americano em direção a uma nova fronteira, a da sustentabilidade ambiental (O.M.B., 2009, U.S.D.D., 2010; N.S.C., 2010; Obama, 2011). Sendo assim, partimos da premissa que o processo de inovação tecnológica (baseado na pesquisa científica e desenvolvimento industrial) poderá ser o responsável por garantir a manutenção da liderança norte-americana e reconstruir sua condição hegemônica, uma vez que a consolidação de um novo padrão técnico-científico baseado na sustentabilidade ambiental poderá conciliar as esferas do *soft* e do *hard power*: valorativa (por meio do respaldo da opinião pública internacional) e material (a partir acumulação de capital provinda dessa nova fronteira industrial).

Destarte, de maneira análoga ao pós-Guerra, quando na estratégia de combate ao comunismo, que aglutinava idéias e capacidade efetiva de ação, o Complexo Industrial Militar foi responsável por sustentar este projeto nos âmbitos da pesquisa e inovação durante a corrida armamentista, vislumbramos a possibilidade de sua atuação orientada para o propósito de desenvolvimento de um novo patamar de tecnologias de sustentabilidade ambiental. Configurando, assim, sua

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

importância na estratégia e consolidação do projeto estadunidense de recuperação de sua posição no cenário internacional.

Com efeito, optamos, nesse momento, por demonstrar qual tem sido o papel do Complexo Industrial Militar norte-americano no período pós-Guerra Fria, para fundamentar a hipótese que ele possui centralidade na estratégia de ação internacional do país.

### **MAPEANDO O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR**

Dentro da estrutura institucional norte-americana os poderes Executivo e Legislativo são os encarregados de conduzir os rumos da política externa do país. Todavia, o emaranhado institucional que configura o pluralismo político de sua sociedade confere a uma série de “burocracias” importante função subsidiária às casas Executiva e Legislativa (McGann & Weaver, 2000; Lindsay, 2003; Wittkopff & McCormick, 2004; Ramalho, 2006; Daalder & Destler, 2008; Zahran, 2008; Santos, 2008). Inserido nessa infra-estrutura de composição das bases da política externa norte-americana também está o Complexo Industrial Militar.

Elemento com função consolidada na formulação da Estratégia dos Estados Unidos a partir da Segunda Guerra Mundial, o Complexo Industrial Militar obteve destaque no discurso de despedida à nação do Presidente Eisenhower (1961), no qual alertava sobre o peso que este vinha adquirindo a partir da estratégia política da Guerra Fria<sup>2</sup>. Desde então, passou a ser comum a menção a esse complexo como um dos mais influentes atores no processo de formulação da política externa do país, sobretudo em questões de defesa e segurança nacional.

Em geral, a literatura crítica refere-se ao Complexo Industrial Militar como um conjunto de *lobbistas* dos setores militaristas e armamentistas da sociedade norte-americana (Barber, 1970; Magdoff, 1972; Gill & Law, 1988; Klare, 2001; Mann, 2003; Johnson, 2004; Harvey, 2004; Jarecki, 2008). Todavia, trata-se esta de uma visão reducionista. O Complexo Industrial Militar possui uma abrangência mais ampla do que os setores referidos por essa gama de autores. Trata-se de um component de forte parceria entre o conhecimento tecnológico oriundo da academia, a base

---

<sup>2</sup> De acordo com o ex-presidente e ex-veterano das Forças Armadas, Dwight Eisenhower: “[...] nas esferas do governo, devemos nos proteger contra a influência injustificada exercida pelo complexo militar-industrial. A possibilidade do surto desastroso de um poder mal orientado existe e permanecerá. Não devemos nunca permitir que o peso desta coalizão ameace as nossas liberdades ou os processos democráticos”.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

material oferecida pela iniciativa privada e o estímulo e a orientação política provindos do Estado. Esse relacionamento político entre academia, indústria e governo (políticos e forças armadas) permite o incentivo de pesquisas no setor privado, fornecendo forte estímulo a diversos setores da economia nacional.

Além de elemento propulsor de setores da economia, os desdobramentos do Complexo Industrial Militar afetam as mais variadas esferas da vida civil, possibilitando novas descobertas científicas e saltos tecnológicos que dinamizam a sociedade como um todo. Ademais, além de sua importância no âmbito doméstico, a manutenção da hierarquia dos Estados na ordem internacional ainda conta com forte implicação de sua capacidade industrial militar. O setor de inovação e pesquisa é, portanto, fundamentalmente estratégico dentro do campo de competição pela liderança internacional, seja por seus aspectos políticos, econômicos ou militares.

Sem perder de vista, ainda, que essa articulação proporcionada pelo elo entre o projeto político-militar e o conhecimento tecnológico amplia a capacidade real de defesa da nação (Racy & Silberfeld, 2005). Ou seja, tanto para proporcionar expansões (diretas e indiretas) quanto para se defender de movimentos rivais, a capacidade efetiva do Complexo Industrial Militar de um Estado é uma das variáveis mais significativas enquanto elemento de poder.

No caso norte-americano, toda a sustentação da estrutura hierárquica constituída ao longo da segunda metade do século XX, baseada nas instituições multilaterais e na ordem econômica, possui uma coordenação a partir da capacidade de superioridade material (Cox, 1986), oferecida pelo seu Complexo Industrial Militar. Fundamentado em um modelo descentralizado, organizações acadêmicas e industriais passaram a trabalhar em parceria com o governo federal para a mobilização dos recursos científicos voltados aos objetivos de defesa nacional (NSB, 2000).

Rapidamente, militares, cientistas, engenheiros, economistas, planejadores, foram todos sendo incorporados ao Complexo Industrial Militar, dinamizando o governo, a indústria militar e civil, as tecnologias de informação, comunicação e transportes, etc. Como consequência disso, a importância dada ao Complexo Industrial Militar dentro da estrutura norte-americana foi se ampliando, e passou a ocupar importante espaço nas agendas de segurança, econômica, política

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

e inovação tecnológica. Adaptação fundamental para sustentar a posição dos Estados Unidos no sistema internacional projetando seus valores a partir da ampliação de seus poderes nacionais.

## **O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR E O GOVERNO GEORGE H. BUSH: A ESTRATÉGIA DO *STATUS QUO PLUS*.**

O desaparecimento do paradigma da bipolaridade gerou aos Estados Unidos a necessidade de redefinir seus métodos de ação, uma vez que se alteravam seus desafios e ameaças a enfrentar. A ausência de um adversário claro e explícito que funcionasse como elemento ordenador das divergências internas se tornou o grande problema estratégico para os Estados Unidos ao final da Guerra Fria. Seria necessário repensar em quais cenários e situações precisaria agir para manter ou expandir seu poder, recriando e atualizando guias de ação para sustentar seu ativismo internacional (Brzezinski, 1992).

Frente às redefinições demandadas pela nova configuração política global, a preocupação do *establishment* norte-americano estaria não mais nos meios necessários para a construção de sua ordem, uma vez que esta já sagrara-se vitoriosa frente a seus adversários, mas sim na consolidação de sua primazia e na sua expansão a espaços ocupados por seus antigos contendores. Buscavam impor ao mundo uma nova composição na distribuição do poder global, na qual deveria prevalecer sua posição unipolar, sustentada pelo desenvolvimento tecnológico baseado, principalmente, nas condições oferecidas por seu Complexo Industrial Militar, como ficara definido no *Draft do Defense Planning Guidance*, de 1992<sup>3</sup>.

Todavia, a proposta do escudo anti-mísseis, que ganhou força ao final da década de 1980 durante o governo de Ronald Reagan – e representou o auge da influência dos neoconservadores, defensores e impulsionadores do Complexo Industrial Militar na estratégia norte-americana naquele período – acabara arrefecendo. Antes entusiasmados com o ambicioso projeto que ficara popularmente conhecido como “Guerra Nas Estrelas”, um sistema de defesa espacial contra ataques de mísseis balísticos que garantiria a defesa e integridade do território e por conseqüência a supremacia dos Estados Unidos no cenário internacional, os *policy-makers* norte-

<sup>3</sup> A proposta preliminar do *Defense Planning Guidance* (1992) que foi vazada à imprensa antes de sua oficialização esteve sob a coordenação do sub-Secretário de Defesa à época, Paul Wolfowitz, e representava a possibilidade de colocar em prática o projeto do movimento internacionalista neoconservador. Contudo, a versão oficial do documento adotou tom mais moderado, condizente com a Estratégia de Segurança Nacional divulgada pela equipe de governo de George H. Bush pouco menos de um ano antes (Jervis, 2005).

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

americanos pareciam procurar alternativas que corroborassem com a proposta de consolidação do “momento unipolar” (Krauthammer, 1990)<sup>4</sup>, porém condizente com o papel de construção de uma nova ordem com aspirações universalistas.

Essa visão proporcionava aos menos eufóricos com tais transformações a possibilidade de avaliar qual seria a real importância dos Estados Unidos para a estabilidade internacional, e qual seria o seu papel na nova ordem mundial (Art, 1991). Deveriam ser garantidos, sobretudo: o acesso irrestrito a matérias-primas consideradas vitais para sua indústria e defesa; novas oportunidades de negócios e mercados a seus cidadãos; a prevenção de qualquer possível ameaça contra a segurança nacional; e ainda, a defesa de valores da moralidade e ética internacional (NSC, 1991). Portanto, os interesses vitais, dentre os quais, a manutenção da posição hegemônica norte-americana. As possíveis fontes de instabilidade e de contestação ao sistema deveriam ser combatidas e reguladas, o surgimento de potências rivais deveria ser controlado e a garantia de governabilidade deste sistema se tornaria prioridade (Huntington, 1992).

Para isso era essencial aos Estados Unidos se aproveitar dos elementos tradicionais de poder que se faziam presentes, ou seja, aquilo que era chamado de “o comando dos comuns” (Posen, 2003), isto é, o seu domínio do espaço (entendido como a órbita terrestre), o seu comando do mar nos oceanos, e sua capacidade de impor e sustentar a supremacia aérea na região em que atuar. Sendo fundamental a presença do componente militar nessa estratégia de consolidar a liderança norte-americana através da participação direta nos equilíbrios regionais de poder que se constituíam, seja a partir de bases militares instaladas ou de capacidade de imediata mobilização de seu efetivo.

Fica evidente esta realidade na avaliação de Brooks e Wohlforth ao apresentar como resultado desse período a condição de unipolaridade militar do sistema internacional:

The United States has overwhelming nuclear superiority, the world's dominant air force, the only truly blue-water navy, and a unique capability to project power around

---

<sup>4</sup> Nas palavras de um dos principais intelectuais do movimento neoconservador: “On December 26, 1991, the Soviet Union died and something new was born, something utterly new — a unipolar world dominated by a single superpower unchecked by any rival and with decisive reach in every corner of the globe. [...] It has been assumed that the old bipolar world would beget a multipolar world with power dispersed to new centers in Japan, Germany (and/or “Europe”), China and a diminished Soviet Union/Russia. [This is] mistaken. The immediate post-Cold War world is not multipolar. It is unipolar. The center of world power is an unchallenged superpower, the United States, attended by its Western allies.” (Krauthammer, 1990, p. 01).



Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

the globe. And its military advantage is even more apparent in quality than in quantity. The United States leads the world in exploiting the military applications of advanced communications and information technology and it has demonstrated an unrivaled ability to coordinate and process information about the battlefield and destroy targets from afar with extraordinary precision. Washington is not making it easy for others to catch up, moreover, given the massive gap in spending on military research and development (R&D), on which the United States spends three times more than the next six powers combined" (2002, p. 21-22).

Somada a essa superioridade militar estiveram a estagnação da (concorrente) economia japonesa nos anos 90, a adoção do modelo democrático-liberal e capitalista por países do Leste europeu, e o fortalecimento de instituições políticas internacionais (OTAN, OMC, ONU) sob a influência dos Estados Unidos, confirmando a expectativa dos *renovacionistas* e indicando a manutenção da hegemonia norte-americana na década de 1990. Proporcionando ao governo adotar como linguagem e política oficial o discurso de construção e manutenção de uma sociedade internacional global, capaz de contemplar os anseios de estabilidade e prosperidade de toda a comunidade mundial, e de constituir um consenso acerca dos interesses da sociedade internacional, como o próprio presidente fazia questão de ressaltar:

Different nations join in a common cause to achieve the universal aspirations of humanity: peace and security, freedom and rule of law. [...] Only the United States has both: the moral position and means to support it (Bush, 1991)

There are those who say that now we can turn away from the world, that we have no special role, no special place. But we are the United States of America, the leader of the West that has become the leader of the world. And as long as I am President, I will continue to lead in support of freedom everywhere, not out of arrogance, not out of altruism, but for the safety and security of our children. This is a fact: strength in the pursuit of peace is no vice (Bush, 1992).

Ao passo que essa visão da nova ordem mundial adquiria o sentido de articulação de anseios de uma sociedade global, ficava claro nos posicionamentos oficiais que também não deixava de estar vinculada aos interesses dos Estados Unidos. Sua prioridade seria: a promoção de uma economia forte, próspera e competitiva; a garantia de acesso aos mercados estrangeiros, energia, recursos minerais, oceanos e espaço; e a promoção de um diálogo para proporcionar a abertura do sistema econômico internacional (Bush, 1991). Uma vez que estava firmado que os interesses norte-americanos são melhor servidos em um mundo no qual a democracia e os seus ideais são generalizados (Bush, 1992). Desse modo procurava-se demonstrar aos cidadãos norte-americanos, e ao restante do mundo, que segurança nacional e força econômica seriam tratados como assuntos indivisíveis.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

## **O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR E O GOVERNO CLINTON: A ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO E EXPANSÃO**

Após conseguirem sustentar sua proeminência no cenário internacional ao longo de toda a segunda metade do século XX, os Estados Unidos tiveram oportunidade de consolidar sua condição ao final da Guerra Fria, quando o declínio da União Soviética, supostamente único rival à altura (nos campos militar e ideológico), proporcionou ao país a possibilidade de implementar em escala global todas as suas ambições e objetivos de política externa. A nova ordem emergente do final da Guerra Fria era identificada com a consolidação do modelo político-ideológico norte-americano, considerado como vitorioso na disputa com seus rivais, nazi-fascismo e socialismo, ao longo do século XX (Fukuyama, 1989). A democracia liberal, com todos os seus desdobramentos: capitalismo, individualismo, livre-comércio, etc. encontrara espaço para se difundir. Haveria, portanto, segundo seus defensores, se configurado um processo de evolução social em busca de liberdades, que levaria todas as sociedades a buscar a modernização, a prosperidade, os avanços tecnológicos e a participação política. E esses objetivos todos seriam proporcionados pela democracia liberal ocidental<sup>5</sup>.

A nova arquitetura das relações internacionais contava com o aprofundamento dos movimentos de interdependência econômica e financeira, desenvolvimento das tecnologias de informação, comunicação e transportes, e a maior liberdade para a ação de atores não-estatais e subnacionais (Keohane & Nye, 1977). Sugerindo a identificação de novos atores mundiais relevantes, de estruturas econômicas e políticas emergentes e de novos processos para sua evolução. A disseminação global da lógica do mercado e da democracia representativa e a maior influência das instituições econômicas multilaterais (FMI, Banco Mundial, OMC) nas políticas macroeconômicas dos países capitalistas, apontavam para a necessidade de definição de uma estratégia de política externa mais adequada para os Estados Unidos.

Nesse sentido, os debates sobre a extensão do alcance do poder norte-americano e seu relacionamento com o exterior moldaram uma estratégia de abrangência global a partir da defesa dos valores básicos de sua sociedade. Desse modo, a expansão do regime político e a

---

<sup>5</sup> Segundo a avaliação de Fukuyama (1989), ao final da Guerra Fria, a democracia liberal teria sido proclamada como o agente do fim da história. No sentido que os conflitos ideológicos seriam substituídos pela razão democrática, uma vez que as sociedades que desafiavam esse modelo estavam aderindo gradual e voluntariamente a esse regime. Quando esse movimento estivesse completo, todas as sociedades compartilhariam dos mesmos ideais e valores, e não haveria mais conflitos ou oposições de interesses no sistema. No momento em que todo esse processo se concretizasse a sociedade internacional estaria consolidada.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

disseminação da experiência norte-americana para todos os pólos do sistema deveriam ser responsáveis por garantir a manutenção dos espaços conquistados pela democracia liberal e pela economia de mercado. A manutenção de sua liderança passaria a ser concentrada no fortalecimento e aprofundamento dos arcabouços institucionais que a reproduzem em escala mundial.

Todavia, por mais que os interesses permanecessem essencialmente os mesmos, a nova realidade demandaria uma nova estratégia. Sobretudo, por se tratar de uma realidade na qual se perde a referência de um inimigo claro à estabilidade da ordem internacional, restringindo a possibilidade de ação unilateral norte-americana. Frente a esse quadro, o estabelecimento de códigos morais e de conduta, ancorados em organizações e regimes internacionais, e referentes a questões de dimensão universal, como meio ambiente, desenvolvimento sustentável, democracia, direitos humanos, narcotráfico e terrorismo internacional passam a figurar como novos temas de engajamento do país<sup>6</sup>.

Para isso, se tornou fundamental a estratégia de engajamento e expansão proposta pela doutrina de segurança nacional da administração Clinton (NSC, 1995). Como observam Posen e Ross (1996), seus “defensores propõem agir coletivamente, por meio de instituições internacionais o quanto for possível. Eles presumem que as democracias acharão mais fácil trabalhar juntas em regimes de cooperação do que fariam Estados com políticas domésticas menos avançadas”. A doutrina de engajamento e expansão acaba por substituir a contenção.

O envolvimento global norte-americano passaria a refletir o pensamento dos liberais globalistas, considerados defensores de um “imperialismo com fins humanitários” (Johnson, 2004), que se caracteriza por buscar uma ordem internacional segura, financiada pela expansão dos regimes democráticos. Essa estratégia era baseada em uma leitura na qual “comparadas às ditaduras, as nações democráticas têm mais probabilidade de serem estáveis, são mais capazes de lidar com o estresse financeiro; são sócios comerciais mais confiáveis e

---

<sup>6</sup> Na primeira década do pós-Guerra Fria as Nações Unidas organizaram uma série de conferências internacionais que enfatizavam a nova dimensão adquirida pelos temas sociais na agenda global, estando entre as principais a CNUMA/Eco-92, no Rio de Janeiro, a II Conferência Mundial para os Direitos Humanos de 1993, em Viena, a Conferência sobre População de 1994, no Cairo, a Conferência sobre Desenvolvimento de 1995, em Copenhague, entre outras (Alves, 2001). Estes temas de engajamento internacional foram sistematizados pelo Departamento de Estado no *United States Strategic Plan for International Affairs* (U.S.D.S., 1999), mas já faziam parte da redefinição da estratégia de segurança nacional e de auxílio externo do país desde o início dos anos 1990.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

com menor probabilidade de gerar refugiados ou contribuir para outros problemas globais” (U.S.D.S., 1999).

Não obstante, este “imperialismo com fins humanitários” não se trata de envolvimento humanitário em toda e qualquer situação compatível com tal, reflete a relevância do caso para o interesse norte-americano. Dessa forma, durante os anos Clinton, para oferecer sustentação a essa estratégia, há a composição de novas prioridades de ação. Como demonstra Walt (2002), uma nova noção de segurança se constituía, extrapolando as questões puramente militares e formulando conceitos de segurança relativos a temas políticos, econômicos, sociais, ambientais e energéticos. Com essa nova realidade no cenário internacional em voga, caberia aos Estados Unidos se adaptar às fontes de instabilidade e de insegurança emergentes da sociedade globalizada, enfatizando e colocando em prática um novo modelo de estratégias de defesa e segurança (NSC, 1995).

Frente a conflitos de conotações culturais, étnicas e/ou raciais que tendem a se manifestar desencapsulados da lógica bipolar, ou a movimentação inter-fronteiras como o problema dos refugiados, temas de desenvolvimento econômico e preservação ambiental passam a compor a pauta da agenda de segurança internacional nos anos que se seguiram ao fim da Guerra Fria. A dimensão estritamente militar se faz presente agora também na prevenção de ameaças transnacionais como o terrorismo e a proliferação nuclear ou nas intervenções humanitárias frente a situações de violações flagrantes dos direitos humanos, os processos chamados de *state building* ou construção de Estados, que passam, entre outras questões, pela relativização de suas prerrogativas de soberania e pelo impulso à mudança de regime<sup>7</sup> (Art, 1998).

Essa nova concepção de segurança traria consigo transformações nas dinâmicas dos conflitos, o que necessariamente envolve o desenvolvimento de novas tecnologias de guerra. Desse modo, o Complexo Industrial Militar norte-americano passa por um processo de adaptação às novas necessidades da estratégia de segurança do país. Principalmente no que envolve o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação para subsidiar serviços de

---

<sup>7</sup> Os Estudos de paz assumem-se como um corpo teórico que possui consciência de que as raízes reais da violência se encontram na pobreza, na desigualdade sócio-econômica, na opressão política e na cultura dos povos, dando origem à formulação do conceito de Segurança Humana. Desse modo a nova agenda de segurança internacional engloba a segurança econômica; a segurança alimentar; a segurança sanitária; a segurança ambiental; a segurança pessoal; segurança comunitária; a segurança política (PNUD, 1994).

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

inteligência, uma vez que no contexto de guerras assimétricas a avaliação dos passos do adversário e a antecipação de suas ações ganham proeminência frente a capacidade bélica de destruição (Kaldor, 1998; Arquilla & Ronfeldt, 2001).

A nova estratégia militar dos Estados Unidos emergia com a mudança do foco da guerra global contra a URSS para foco em contingências regionais. Para lidarem com essa ampla gama de possibilidades, as Forças Armadas dos Estados Unidos deveriam estar aptas a conduzir um vasto número de missões concomitantemente. Dessa forma, seria necessária uma força mais leve e mais rápida, com grande ênfase em tecnologia, apta a efetuar ataques “cirúrgicos” e que fosse capaz de lidar com uma inúmera variedade de inimigos que eventualmente entrariam em confronto naquele novo contexto (Powell, 1992; U.S.D.D., 1997; N.D.P., 1997).

Mudança de foco que se traduzia na importância concedida à capacidade de travar guerras simultâneas em dois teatros distantes, e na destinação de recursos vultosos para garantir a prontidão dos seus efetivos, renovar os sistemas de armamentos e custear atividades de pesquisa e desenvolvimento de tecnologia militar. A política externa dos Estados Unidos passaria a ganhar novos contornos de atuação. Não mais a partir de uma postura reativa, de respostas a estímulos ou ações quando fosse solicitada, mas de postura ofensiva, proativa e engajada, atenta às demandas por intervenções humanitárias<sup>8</sup>.

A ênfase dada às tecnologias de informação e aos serviços de inteligência era toda baseada em um processo de inovação científica e capacitação em pesquisa e desenvolvimento tecnológico de última geração. Nesse sentido, a revolução nos programas militares se tornou importante elemento da política industrial norte-americana, impulsionando o desenvolvimento de

---

<sup>8</sup> Essa posição é identificada tanto na postura da secretária de Estado de Bill Clinton, Madeleine Albright, quanto nos discursos da secretária de Estado de George W. Bush, Condoleezza Rice: [...] Desde que tomei posse, tenho enfatizado minha convicção de que os Estados Unidos têm uma oportunidade histórica de ajudar a aproximar o mundo em seu conjunto dos princípios básicos da democracia, mercados abertos, lei e compromisso com a paz. Se nós aproveitarmos essa oportunidade, poderemos garantir que nossa economia possa continuar crescendo, nossos trabalhadores terão acesso a empregos melhores e nossa liderança será sentida em qualquer lugar em que os interesses dos Estados Unidos estiverem envolvidos (Albright, 1997). [...] es esencial para nuestra seguridad nacional que los Estados estén dispuestos y sean capaces de cumplir con todas sus responsabilidades soberanas, tanto dentro como fuera de sus fronteras. Esta nueva realidad nos ha obligado a hacer importantes cambios en nuestra política. Reconocemos que la construcción de Estados democráticos es ahora un componente apremiante de nuestro interés nacional. A pesar de que la capacidad de Estados Unidos para influir sobre Estados fuertes es limitada, nuestra habilidad para mejorar el desarrollo político y económico pacífico de los Estados débiles y mal gobernados puede ser considerable. Debemos estar dispuestos a usar nuestro poder para este propósito, no sólo porque es necesario, sino también porque es lo correcto (Rice, 2008, p. 135).

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

tecnologias de informação e comunicação civil e avanços nos estudos da área de biotecnologia (Mampaey & Serfati, 2005).

Ao longo da década de 1990 as telecomunicações representaram ponto importante na sustentação e expansão da estrutura de poder global dos Estados Unidos através da intensificação dos fluxos financeiros, do aprofundamento dos laços comerciais e da disseminação da cultura de consumo. Em grande parte o desenvolvimento dessas tecnologias se deu a partir de pesquisas impulsionadas pelo Complexo Industrial Militar de acordo com as novas demandas militares por sistemas de defesa atualizados com a nova realidade global.

### **O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR E O GOVERNO GEORGE W. BUSH: A ESTRATÉGIA DE AÇÃO PREVENTIVA**

A despeito do prestígio internacional obtido pela nova estratégia de ação internacional norte-americana, que através da doutrina de engajamento e expansão promovia o multilateralismo econômico e político no âmbito institucional, mas não perdia o foco nos interesses nacionais estratégicos sob a ótica das intervenções humanitárias, a instabilidade política doméstica coloca essa estratégia em xeque. Principais críticos da política externa dos anos Clinton, os neoconservadores afirmavam que os norte-americanos deveriam preencher o vácuo de segurança deixado pelo fim da Guerra Fria, espaço que segundo eles a administração democrata não soube ocupar, permitindo que esse fosse ampliado, representando uma faceta frágil do poderio estadunidense.

Diante disso, participaram de todo o processo de reestruturação do partido republicano, que buscava se reerguer após a tentativa frustrada de reeleição de George H. Bush, em 1992. Reforçadas as bases dessa aliança, articulada desde meados dos anos 1980, os republicanos agregaram em sua plataforma eleitoral grupos que não se sentiam contemplados com as políticas domésticas, sobretudo as sociais de cunho liberal, implantadas por Clinton e os democratas, principalmente os ligados à direita religiosa conservadora. Somava-se a eles ainda, um grupo que se sentia alijado pela condução da política externa norte-americana naquele momento, os representantes mais radicais dos setores tradicionais do Complexo Industrial Militar. Desse modo, o grupo político que se organiza em torno do partido Republicano, e que

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

sustenta o governador do Texas e filho do ex-presidente republicano, George W. Bush, na disputa presidencial de 2000 era altamente heterogêneo<sup>9</sup>.

Com um grupo político numericamente pequeno, porém extremamente bem articulado e tecnicamente competente, os neoconservadores conseguiram adesão dos demais grupos que apoiavam o partido republicano à sua estratégia de política externa. Temas como comércio e estabilização financeira internacional, desenvolvimento social, desigualdade global, narcotráfico e meio ambiente não pareciam estar nos planos daqueles que tinham uma visão mais estreita de segurança internacional (Chollet; Goldgeier, 2008). Defendendo um domínio irrestrito e unilateral do mundo pelos americanos o objetivo dos neoconservadores era, portanto, transformar, de fato, o momento unipolar em uma era unipolar. Segundo Krauthammer (2002), os Estados Unidos devem fazer uso de sua posição, sendo capaz de reformar normas, alterar expectativas e criar uma nova realidade.

O pensamento dos conselheiros de W. Bush era de que a emergência de novas potências mundiais deveria ser contida, se não fosse pelos controles diplomáticos ou comerciais, pelo incremento das capacidades militares. Posição que no plano externo está em consonância com os anseios dos neoconservadores: “o novo unilateralismo visa fortalecer o poder americano e reafirmar a liberdade de ação dos Estados Unidos”, cravava Charles Krauthammer (2003)<sup>10</sup>.

Os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 fizeram com que todos assistissem “à queda do mito da inviolabilidade do território continental norte-americano” (Pecequillo, 2005). O impacto psicológico e sócio-político desse fato pareceu oferecer aos Estados Unidos um propósito muito mais claro de limites de sua ação internacional, devido a níveis muito maiores de apoio político doméstico a uma política externa ativa e engajada. Os eventos que se seguiram ao 11/09, nesse sentido, exacerbaram a aplicação da doutrina de defesa de posições norte-americanas, reafirmando a unipolaridade e a proeminência dos Estados Unidos no

---

<sup>9</sup> Composto por republicanos moderados, conservadores religiosos, neoconservadores e *lobbyistas* da indústria militar e energética, este grupo tinha em comum o desejo de alterar as políticas do país, seja em âmbito doméstico, seja em âmbito internacional. Dessa maneira, é possível perceber que, em um primeiro momento, a composição da equipe de governo de George W. Bush é consequência desse grande arranjo político de oposição aos democratas e aos liberais internacionalistas. A indicação de Dick Cheney para a vice-presidência, Collin Powell para o departamento de Estado e Donald Rumsfeld para o departamento de Defesa reflete essa acomodação de distintos interesses.

<sup>10</sup> Essa perspectiva se materializava no posicionamento norte-americano frente a vários organismos e acordos internacionais. Seu padrão de conduta em relação ao Tribunal Penal Internacional, à Rodada Doha, ao Protocolo de Kyoto e aos acordos multilaterais nas conferências sobre mudanças climáticas ou protocolos de desarmamento, destaca a opção do governo de W. Bush por evitar qualquer constrangimento multilateral à prevalência do estrito interesse nacional de seu país.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

cenário mundial. Washington ganharia muito mais liberdade para determinar, de acordo com seus anseios, objetivo, missão e a coalizão que julgasse pertinentes.

Os discursos subseqüentes e as manobras políticas adotadas após os atentados inflaram o sentimento nacional e patriota da sociedade e a opinião pública norte-americanas, garantindo coesão interna e possibilitando transferência de poder quase ilimitado para o Executivo<sup>11</sup>. Estariam justificados seus projetos de militarização e prevenção de ameaças, conferindo legitimidade à sua agenda de política externa. Temas centrais do interesse nacional e estratégico norte-americanos como políticas de salvaguarda a fontes de bens públicos internacionais e outros itens de segurança global, comprometimento com tarefas de intervenção e *state-building*, e expansão do liberalismo global são incorporados à linguagem da guerra contra o terror, oferecendo a oportunidade para que o governo W. Bush possa colocar em marcha todos os projetos que membros do partido republicano, sobretudo os que neoconservadores alimentaram durante as décadas de 1980 e 1990.

Nesse contexto, o governo norte-americano buscou associar, de imediato, os ataques terroristas ao conluio entre a Al Qaeda e o Talibã no Estado afegão<sup>12</sup> e, de forma mais geral, os fenômenos de terrorismo ao fracasso estatal, uma vez que os chamados Estados Falidos estariam servindo como “santuários” de proteção e organização de grupos terroristas. Nesse momento, o escopo político das ações de intervenção humanitária e promoção dos direitos

---

<sup>11</sup> Em novembro de 2001, na esteira dos atentados de 11/09, a administração W. Bush edita a Ordem Militar (**Military Order**), documento que declara que a possibilidade de novos atentados terroristas em solo norte-americano é uma ameaça existencial à nação. Invocando seu poder como comandante-em-chefe das forças armadas e sob tutela da AUMF (**Authorization for Use of Military Force**) dada pelo Congresso, Bush ordenou a busca e detenção, sob o controle do Secretário de Defesa, dos membros da organização Al Qaeda de Osama bin Laden, considerada pelo governo como a responsável pelos atentados de 11 de setembro. Segundo a Ordem – que deveria atingir exclusivamente indivíduos não americanos – o presidente poderia criar Comissões Militares para processar, julgar e condenar os detentos pelos crimes cometidos, ressaltando que tais Comissões não estariam submetidas a quaisquer cortes judiciárias dos Estados Unidos, dotando o poder executivo de prerrogativas que extrapolam suas atribuições. Isso eximia as cortes ordinárias do país de qualquer responsabilidade ou controle em relação às prisões.

<sup>12</sup> Ao longo dos anos 1990 as agências governamentais trabalharam em torno da Al Qaeda como a imagem mais bem acabada da nova e potencial grande ameaça à segurança norte-americana, o terrorismo islâmico internacional. Como observa Bergen: “Al Qaeda’s political ideology can be summarized as a plan to rid the Muslim world, especially the Middle East, of Western influence in order to institute Taliban-style theocracies across the region. This ideology combines elements of anti-colonialism married to the dream of the return of the Caliphate. Al Qaeda first registered as a threat with the U.S. government in 1996, when the bin Laden unit was established at the CIA. In 1997, bin Laden gave his first television interview and declared war on the West. Within four years, al Qaeda had carried out the bombings of the two U.S. Embassies in Africa, the attack on the USS Cole, and the 9/11 attacks, inflicting more direct damage on the U.S. than the Soviet Union did in the five decades of the Cold War. To a large degree, the threat from al Qaeda materialized quickly and somewhat unpredictably compared to the more conventional threats that the United States has faced, including those from Nazi Germany and the Soviet Union” (Bergen, 2005, p. 04).



Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

humanos têm seu foco alterado de ação junto a Estados tirânicos para intervenção nos Estados em colapso ou fracassados<sup>13</sup>. Ademais, a idéia de boa governança passa a ser revista como a de um simples apoio logístico ou burocrático, através de projetos de cooperação técnica em áreas específicas, para se configurar no desenvolvimento de verdadeiras arquiteturas político-institucionais nos países alvo, em processos chamados de *state building* ou construção de Estados, que passam, entre outras questões, pela relativização de suas prerrogativas de soberania e pelo impulso à mudança de regime.

A política externa norte-americana conheceu uma reorientação estratégica que se focou em preocupações frente à sustentação ao terrorismo internacional e à proliferação de armas de destruição em massa. Deixando claro na estratégia de segurança nacional norte-americana que o combate aos grupos terroristas teria como foco central a coerção a países que fornecessem respaldo político, estrutura, ou abrigo a estes grupos. O combate ao terrorismo passa, portanto, para o centro da agenda internacional, não somente com o objetivo de garantia da segurança coletiva, mas, principalmente, para ser utilizado como agente catalizador na distinção entre “amigos e inimigos” da ordem, e legitimar os desdobramentos políticos desta distinção. E essa discussão acerca da distinção entre “amigos e inimigos” da ordem está intimamente ligada às variantes formas de participação e aceitação do exercício hegemônico dos Estados Unidos no cenário internacional.

Dedicado a ressaltar essa militância global norte-americana, um grupo de neoconservadores<sup>14</sup> a partir do PNAC (*Project for a New American Century*) enfatizava que essa militância requer força militar, energia diplomática e compromisso com princípios morais, buscando obter apoio para uma política vigorosa e bem fundamentada de envolvimento internacional norte-americano. Portanto, com Projeto Para o Novo Século Americano visavam resgatar os princípios e as políticas de “fortalecimento militar e pureza moral” que construíram uma estratégia de sucesso para os Estados Unidos neste século, e seriam responsáveis por manter a segurança e a “grandeza” da nação no século XXI.

<sup>13</sup> Uma das principais referências sobre o fracasso estatal utilizadas, o “Failed States Index” (Fund For Peace, 2010), é publicado anualmente pela revista *Foreign Affairs* e se utiliza amplamente das concepções de “segurança humana” na sua definição de fracasso estatal.

<sup>14</sup> Assinaram a “carta de princípios” do PNAC: Elliott Abrams, Gary Bauer, William J. Bennett, Jeb Bush, Dick Cheney, Eliot A. Cohen, Midge Decker, Paula Dobriansky, Steve Forbes, Aaron Friedberg, Francis Fukuyama, Frank Gaffney, Fred C. Ikle, Donald Kagan, Zalmay Khalilzad, I. Lewis Libby, Norman Podhoretz, Dan Quayle, Peter W. Rodman, Stephen P. Rosen, Henry S. Rowen, Donald Rumsfeld, Vin Weber, George Weigel, Paul Wolfowitz.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

É assim que através do *Rebuilding America's Defenses* proposto pelos neoconservadores no âmbito do PNAC, estabelecem os parâmetros de ação internacional dos Estados Unidos condizentes com o papel que eles deveriam exercer nas esferas da segurança internacional, do comércio global e da ideologia. Desse modo, na leitura dos neoconservadores, a renovação do poder norte-americano deveria consolidar a defesa contra qualquer inimigo externo ou forma de instabilidade sistêmica; o controle da produção e da circulação de bens no mercado global; e a superioridade dos valores ideológicos e a crença no papel especial da nação norte-americana junto à sociedade internacional. Os neoconservadores propunham, portanto, uma reorientação no exercício da hegemonia dos Estados Unidos no cenário internacional, que substituiria o internacionalismo dos regimes e das organizações multilaterais pelo unilateralismo dos interesses, valores e princípios norte-americanos.

Essa adaptação, “essencial no mundo pós-soviético”, proposta pelo PNAC, passaria a influenciar largamente a formulação da política externa norte-americana no governo republicano de George W. Bush. Como observa Jervis (2005), “the *Project for the New American Century* (PNAC) was the fundamental pillar of Republican’s agenda, defending US unipolarity and expansion and a more assertive stance for leadership”.

Com seus direcionamentos brevemente apresentados a partir do pronunciamento aos formandos da Academia Militar de *West Point* (Bush, 2002), e sistematicamente consolidados com a divulgação oficial de sua Estratégia de Segurança Nacional (NSC, 2002), a nova doutrina de ação dos Estados Unidos passaria a se sustentar sobre o direito unilateral de derrubar qualquer governo do mundo que se opusesse a seus interesses, ou que julgassem ser uma ameaça à sua segurança. Dessa maneira, os *policy makers* norte-americanos passariam a operar o conceito de guerra preventiva como um instrumento legal e moralmente justo de sua política externa. Estava comprovado, a partir de então, que os Estados Unidos empregariam toda sua força e influência hegemônicas para a construção de uma ordem internacional favorável a seus ideais.

Delineadas essas premissas, a Estratégia de Segurança Nacional indicou as fundamentações teóricas que direcionariam a formulação da doutrina de ação da política externa norte-americana durante o governo W. Bush. A opção foi pela ação preventiva, sobretudo respaldada

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

pelo engajamento na guerra contra o terrorismo internacional e no combate aos chamados “Estados fora-da-lei”.

Portanto, a nova estratégia estabelece a necessidade de agir preventivamente para tornar efetivo o combate ao terrorismo internacional. Nesse sentido se usaria o recurso à ação preventiva, visando antecipar-se à emergência de potenciais ameaças de Estados ou atores não-estatais<sup>15</sup>. A ação frente à grande ameaça afastaria o que era considerado pelos neoconservadores como o grande risco, a inação, ao possibilitar as guerras contra Estados-pária, e a ocupação de regiões estratégicas a partir da mudança de regimes. Mais uma vez, a necessidade imperativa de adequação do Complexo Industrial Militar à mudança de rumos da estratégia norte-americana se faz presente, visto que o combate ao terrorismo, a partir da concepção do *establishment* neoconservador/republicano se daria a partir das intervenções militares aos “Estados fora-da-lei”, tendo início a fase de engajamento militar com ocupação territorial no Afeganistão e no Iraque.

## **O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR E O GOVERNO BARACK OBAMA: A ESTRATÉGIA DA RESTAURAÇÃO**

Afetados pelo desgaste político imposto pelos anos da controversa administração republicana de George W. Bush (além de cientes dos desafios apresentados pelas chamadas potências emergentes no campo econômico), os norte-americanos cederam a Barack Obama a oportunidade de entrar para a história como restaurador da hegemonia norte-americana (Velasco, 2010; Keyssar, 2011). Imbuído dessa missão, o novo governo deixou explícito na divulgação de sua Estratégia de Segurança Nacional (NSC, 2010) a consciência sobre a necessidade de afastamento da Doutrina Unilateral e Preventiva de Bush (NSC, 2002) em detrimento de um novo *modus operandi* capaz de valorizar o multilateralismo, reconhecer o

<sup>15</sup> Segundo Freedman (2003, p. 113-114): The national security strategy suggests that preemption can be considered not only in terms of military strikes but also in the softer fields of sharper intelligence work; diplomatic attention; and judicious applications of economic assistance, technical advice, and military/police support. As a prudent and effective approach to the war on terror, this makes sense, as it provides sound guidance for dealing with the security problems within and arising from weak states. But again, prevention is the more applicable term in this context rather than preemption — acting early rather than late, while a problem gestates but before it erupts, using all available means.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

multipolarismo e privilegiar a cooperação, recriando espaço para os temas sociais, as questões ambientais e a defesa dos direitos humanos, como pode ser observado no quadro abaixo:

**Estratégias de Segurança Nacional dos Governos George W. Bush (NSS-2002) e Barack Obama (NSS-2010)**

NSS-Bush	NSS-Obama
<b>PRINCÍPIOS NORTEADORES</b>	
Ending Tyranny	Security
Promoting Effective Democracies	Prosperity
Advance Freedom	Values
	International Order
<b>PRINCIPAIS AÇÕES RECOMENDADAS</b>	
Strengthen Alliances to Defeat Global Terrorism and Work to Prevent Attacks Against Us and Our Friends	Disrupt, Dismantle, and Defeat Violent Extremist Around the World
Work with others to Defuse Regional Conflicts	Strengthen Education and Human Capital and Enhance Science, Technology, and Innovation
Prevent Our Enemies from Threatening Us, Our Allies, and Our Friends with Weapons of Mass Destruction	Reverse the Spread of Nuclear and Biological Weapons and Secure Nuclear Materials and Invest in the Capacity of Strong and Capable Partners
Ignite a New Era of Global Economic Growth through Free Markets and Free Trade	Achieve Balanced and Sustainable Growth and Accelerate Sustainable Development
Expand the Circle of Development by Opening Societies and Building the Infrastructure of Democracy	Strengthen the Power of Our Example and Promote Democracy and Human Rights Abroad
Develop Agendas for Cooperative Action with the Other Main Centers of Global Power	Build Cooperation with Other 21st Century Centers of Influence
Transform America’s National Security Institutions to Meet the Challenges and Opportunities of the Twenty-First Century	Strengthen Institutions and Mechanisms for Cooperation
Engage the Opportunities and Confront the Challenges of Globalization	Ensure Strong Alliances and Sustain Broad Cooperation on Key Global Challenges

Tabela 1. Fonte: NSC, 2002 / NSC, 2010. Elaboração do Autor.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Sobremaneira, o ponto mais importante da estratégia traçada por Obama ficou evidenciado em seu primeiro Discurso sobre o Estado da União após a divulgação de sua Estratégia de Segurança Nacional (Obama, 2011). Vivenciando uma crise política interna após o revés Democrata nas eleições legislativas de meio de mandato, em meio a uma das mais graves crises da história de sua economia doméstica, e despertando desconfiança internacional com relação às suas possibilidades de conduzir o processo de recuperação econômica do país, o discurso de Obama para as duas casas legislativas, que reforçou posicionamentos afirmados em outros importantes discursos e documentos oficiais<sup>16</sup>, foi claro e contundente: as forças políticas dos Estados Unidos devem se unir em torno de um objetivo, a manutenção da primazia internacional.

Focado no apelo ao investimento em ciência e tecnologia, Obama foi enfático ao declarar que os Estados Unidos devem impulsionar os investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento de novas tecnologias que garantam sua condição de principal potência do cenário internacional. Aproveitando sua criatividade, potencial industrial e capacidade de inovação, os Estados Unidos podem dar início a um novo processo de transformação em sua economia e sociedade, ampliando suas taxas de crescimento econômico e compartilhando oportunidades de prosperidade com a comunidade internacional (O.M.B., 2009, Obama, 2011).

De acordo com essa perspectiva, a estratégia norte-americana teria como orientação política ampliar o nível de competitividade com as potências emergentes em setores de ponta, em uma espécie de corrida armamentista, mas não por armas de fogo e de destruição em massa como na Guerra Fria, mas sim em busca de um salto tecnológico que alavanque novamente os Estados Unidos a um patamar superior ao de seus concorrentes, sobretudo na chamada nova era da informação e da sustentabilidade.

Dessa maneira, as fontes oficiais indicam que o impulso ao desenvolvimento e pesquisa nos setores mais dinâmicos de ciência e tecnologia norte-americanos deverá se adaptar às novas demandas do Estado (NIC, 2004; NSC, 2010; U.S.D.S., 2010, Obama, 2011). E essa adaptação poderá refletir nos segmentos sociais que se beneficiam das novas tendências científicas oriundas desse processo, sendo esse elo estabelecido entre Estado-Indústria-Sociedade. Verifica-

---

<sup>16</sup> Our economy is in a deep recession that threatens to be deeper and longer than any since the Great Depression. This crisis is neither the result of a normal turn of the business cycle nor an accident of history. We arrived at this point as a result of an era of profound irresponsibility that engulfed both private and public institutions from some of our largest companies' executive suites to the seats of power in Washington, D.C. (O.M.B., 2009).

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

se o empenho do governo Obama em viabilizar essa estratégia a partir da análise de sua dotação orçamentária e suas prioridades no ano fiscal posterior ao lançamento da sua Estratégia de Segurança Nacional

Com um orçamento na casa de US\$ 3,8 trilhões, um acréscimo de aproximadamente 7% em relação ao orçamento para o ano fiscal de 2010 (US\$ 3,55 trilhões), o governo democrata optou por priorizar áreas consideradas por Obama como estratégicas para a recuperação de sua economia doméstica, como educação (US\$ 94,3 bilhões) e energia (US\$ 44,4 bilhões), que conheceram os maiores reajustes em investimentos, 76,6% e 87,4%, respectivamente (O.M.B., 2011).

ÁREA	ORÇAMENTO DO FY 2011 (em US\$ bilhões)	ALTERAÇÃO EM RELAÇÃO AO FY 2009 <sup>17</sup> (%)
Executive Office of President	0,5	-32,6
Congress	5,6	18,7
Corps of Engineers	7	1,3
Judiciary	7,5	13,0
Environmental Protection Agency	11,2	38,5
Commerce	11,5	7,3
Interior Department	14,0	19,3
Nasa	17,9	-6,8
International Assistance	24,3	64,5
State Department	28,7	34,2
Justice	32,0	15,2
<i>Energy</i>	<i>44,4</i>	<i>87,4</i>
Housing and Urban Development	53,0	-13,0
Homeland Security	54,7	5,8
Transport	87,0	18,7
<i>Education</i>	<i>94,3</i>	<i>76,6</i>
Labour	117,0	-15,4
Veteran Affairs	124,0	30,1
Agriculture	146,0	27,4
Treasury	594,0	-15,4
Defense	721,3	13,3
Social Security	789,5	8,5
Health and Human Service	934,4	17,4

Tabela 2. Fonte: US Budget FY 2011 (O.M.B., 2011). Elaboração do autor.

Não obstante, os gastos militares, prioridade da Doutrina de Segurança do governo W. Bush, continuaram a representar importante fator de continuidade no governo Obama. Os gastos com defesa, manutenção de tropas e insumos militares e contratos junto às empresas da área do chamado complexo-industrial-militar, inclusive, obtiveram incremento.

<sup>17</sup> A comparação é feita em relação ao ano fiscal de 2009, pois se tratou do primeiro ano de mandato do presidente Barack Obama, todavia ainda trabalhando com o orçamento elaborado e aprovado durante a gestão de seu antecessor, George W. Bush. Portanto, pretende-se demonstrar a alteração em relação ao pensamento do governo anterior.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Como apresentado na tabela 2, com um aumento de 13,3% em relação ao ano fiscal de 2009, e uma dotação de US\$ 721,3 bilhões, o Departamento de Defesa e as operações especiais de guerra contra o terror correspondem a cerca de 20% do Orçamento para o ano fiscal de 2011 (O.M.B., 2011). Enquanto que o orçamento de defesa somado às operações especiais da guerra contra o terror dos governos W. Bush (no momento de renovação de sua Doutrina em seu segundo mandato, a NSS-2006) e Obama estão juntos, na casa dos 20% do orçamento geral da união, quando a comparação dos gastos se dá estritamente no caso das operações especiais da guerra ao terror o resultado é outro.

A dotação especial de US\$ 192 bilhões para operações da guerra ao terror equivale a aproximadamente 5% dos recursos do orçamento fiscal do governo Obama. O mesmo tipo de dotação, referente a US\$ 50 bilhões no ano fiscal de 2007, representava 1,7% do orçamento fiscal do governo George W. Bush. Fator que reforça a presença dos setores do complexo industrial-militar na Estratégia de Barack Obama.

#### Spending Department of Defense and Special Operations of Global War on Terror

Appropriates	FY 2007	FY 2011
Military Personnel	110,850	138,541
Operation and Maintenance	152,286	200,248
Procurement	84,197	112,873
Research, Development, Test and Evaluation	73,156	76,131
Military Construction	12,613	16,924
Family Housing	4,085	1,822
Revolving and Management Funds	2,436	2,380
Estimated future emergency funding for the Global War on Terror	50,000	192,3

Tabela 3. Fonte: US Budget FY 2007/2011 (O.M.B., 2007; O.M.B., 2011). Elaboração do autor.

Destarte, frente a esta conjuntura global que se abre no início de século XXI, em que a liderança e a superioridade norte-americanas são ameaçadas – por estrangulamentos externos e fissuras internas – a importância do Complexo Industrial Militar como artífice da superioridade tecnológica dos Estados Unidos é retomada, devendo esse ser o responsável por carrear grande parte desse processo. Tal qual observado por Schumpeter (1942) ao identificar dentro da crise econômica do capitalismo a possibilidade de surgimento de novos empreendimentos capitalistas superiores (a partir do seu conceito de destruição criadora), o momento de limitação do atual modo de produção global e a contingência ambiental provocada pelo

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

crescimento do mundo em desenvolvimento tem sido vislumbrado pela atual administração como “janela de oportunidades” para um novo salto tecnológico e, portanto, funcional para a manutenção da primazia norte-americana no cenário internacional.

Obama vem aproveitando a situação para tentar construir novos consensos domésticos e internacionais assentados na noção de um novo multilateralismo baseado nas demandas ambientais e de sustentabilidade energética, as quais não permitem a nenhum país se abster das discussões, ao menos no campo da retórica diplomática. Sobretudo, por se tratar de um problema que supera as diferenças de valores e interesses nacionais ou alianças políticas.

A dimensão prática dessa adaptação político-ideológica pode ser exemplificada pela conduta da administração Obama em relação ao setor automobilístico em meio a crise econômica de 2008/2009, ao qual foi dada a oportunidade de se recuperar da crise a partir da adesão ao programa de mudança do vetor tecnológico, na direção de uma produção mais limpa, eficiente e menos agressora ao meio ambiente. A nova cadeia produtiva automobilística emergente desse processo poderá vir a ser fonte de possibilidades de acumulação de riquezas para o Estado e seus sócios empresariais. Criando ainda, amplas possibilidades de novos empregos nos Estados Unidos e no mundo.

Outro campo que deve se adaptar à nova realidade e se adequar às novas condições materiais do desenvolvimento limpo e sustentável é o de produção de combustíveis. Os impactos ambientais causados pela emissão de CO<sup>2</sup> na atmosfera e a necessidade de os Estados Unidos se libertarem das amarras da dependência energética do petróleo estrangeiro tem impulsionado o incentivo à pesquisa e produção de novas fontes alternativas, abrindo espaço para que os biocombustíveis assumam *status* privilegiado nesse contexto de novo modelo de desenvolvimento de tecnologias de energia limpa (Oliveira & Moreira Jr., 2009).

Um plano nacional para aumentar a eficiência energética envolvendo todos os participantes do complexo sistema de produção de energia e de regulamentação do país vem sendo ensaiado. Desde que assumiu o governo, Obama tem elevado os gastos com programas de eficiência energética, como por exemplo, US\$ 17 bilhões no pacote de estímulo econômico aprovado com base no imperativo nacional de utilização destes recursos a partir da adoção de tecnologias e estratégias de eficiência energética. Além dessa lei de estímulo econômico, Obama também tem



Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

ênfatisado seu compromisso em aumentar os investimentos em tecnologias renováveis, energia eólica e energia solar, biocombustíveis avançados, carvão limpo, bem como destinar US\$ 50 milhões para financiar pesquisas no intuito de tentar aumentar a eficiência energética das tecnologias de informação e comunicação. (U.S.D.S., 2009).

Ou seja, equacionar o desafio ambiental é uma demanda real e uma necessidade imperativa a ser resolvida, durante o governo Obama. Sobretudo porque além de exercer papel fundamental no avanço tecnológico e no campo do desenvolvimento econômico, lançar mão da questão ambiental, tema de alta adesão junto à comunidade internacional, é uma importante jogada política para a recuperação do prestígio norte-americano. Ademais, estrategicamente trata-se de questão sensível ao principal rival norte-americano no cenário contemporâneo, a China.

Para fomentar esse processo de resgate da capacidade de competitividade internacional dos Estados Unidos no patamar de liderança, o presidente Obama solicitou ampliação do orçamento federal para pesquisa e desenvolvimento, direcionando esses recursos quase que integralmente (94,8 %) para seis agências federais<sup>18</sup>. O direcionamento desses recursos pode indicar as prioridades do governo em termos de estratégia de recuperação econômica, assim como de posição e prestígio na política internacional.

Dessa forma, parece evidente que a segurança e prosperidade norte-americanas estariam fortemente ligadas ao fortalecimento do papel do governo federal no direcionamento dos investimentos e estratégias da indústria nacional. Seja a indústria de base, a indústria de defesa ou de setores de alta tecnologia, a adaptação às orientações científicas e tecnológicas e ao planejamento estratégico federal seria o vetor de recuperação econômica do país. A partir da capacidade de reorganizar o sistema de produção e desenvolvimento de novas tecnologias, coadunado ao incremento no desenvolvimento de pesquisas, somados à sua posição e influência política nas estruturas edificadas na ordem anterior, os Estados Unidos imaginam

---

<sup>18</sup> Observamos isso em recente estudo elaborado pelo legislativo norte-americano: “President Obama has requested \$147.696 billion for research and development (R&D) in FY2011, a \$343 million (0.2%) increase from the estimated FY2010 R&D funding level of \$147.353 billion. [...] Under the President’s request, six federal agencies would receive 94.8% of total federal R&D spending: the Department of Defense (DOD, 52.5%), Department of Health and Human Services (largely the National Institutes of Health) (21.8%), National Aeronautics and Space Administration (7.4%), Department of Energy (7.6%), National Science Foundation (3.8%), and Department of Agriculture (1.7%). NASA would receive the largest dollar increase for R&D of any agency, \$1.700 billion (18.3%) above its FY2010 funding level”. (Sargent Jr., 2011).

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

poder garantir uma condição de conforto e influência nesse novo arranjo internacional que se configura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Cada vez mais é ampliado o volume de informações sobre os Estados Unidos a que temos acesso, principalmente sobre suas relações exteriores. Todavia, vivenciamos ainda um incipiente processamento dessas informações em conhecimento científico qualificado e aplicado em nosso país. A opção pela pesquisa sobre o papel do Complexo Industrial Militar na sustentação da estratégia dos Estados Unidos se dá pela carência de estudos no Brasil que sistematizem e decodifiquem a relação entre esta instituição e o Estado, sobretudo com base nas tendências elencadas nesse texto, possibilitando a aplicação de estratégias análogas em nosso país.

Pretendemos nesse texto discutir a importância do Complexo Industrial Militar na Grande Estratégia norte-americana a partir da avaliação do papel que ele exerce enquanto importante ator no processo de formulação e suporte à estratégia de governo dos Estados Unidos. Sobretudo no que se refere aos debates sobre o declínio norte-americano e a sucessão hegemônica. Foi estabelecido como recorte temporal o período Pós-Guerra Fria, devido aos impactos das transformações da sociedade internacional à estratégia norte-americana e conseqüentemente ao Complexo Industrial Militar. Além disso, pretendemos compreender como se deu a adaptação do Complexo Industrial Militar às novas fronteiras e demandas científico-tecnológicas nesse período através do mapeamento das inovações desenvolvidas nos âmbitos acadêmico e industrial.

A consolidação da superioridade dos Estados Unidos em todas as esferas da política internacional na segunda metade do século XX conheceu no seu Complexo Industrial Militar importante elemento de competição com seus rivais. Seu desempenho possibilitou avanços tecnológicos às empresas norte-americanas, que além de saltos técnico-científicos se aproveitaram dos benefícios econômicos oriundos dos ganhos de produtividade proporcionados pelo Complexo (Medeiros, 2004).

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Havia, portanto, um compromisso de geração de estímulo à aceleração do progresso tecnológico por parte do Departamento de Defesa, em um processo muito próximo ao que poderia ser chamado de “keynesianismo militar” (Hobsbawm, 2007). A pressão por investimento e inovação em áreas sensíveis à defesa e à segurança se concretizou a partir do subsídio a instituições de ensino e pesquisa, e da seleção, indução e difusão de projetos voltados ao deslocamento da fronteira científica. O compromisso em manter a superioridade estratégica frente a seus adversários se tornou traço marcante da importância do Complexo Industrial Militar na estratégia de política externa dos Estados Unidos.

Tomamos por problema a indagação recorrente nos debates sobre a reorientação estratégica norte-americana: com o fim da Guerra Fria e conseqüentemente o esgotamento da corrida armamentista, qual a função que passa a ser exercida por esse imenso Complexo Industrial Militar na formulação da política externa estadunidense?

Partindo da premissa de que a posse de inovação e superioridade tecnológica implica a possibilidade de hierarquização na ordem internacional, apresentamos como hipótese desse trabalho a adaptação do Complexo Industrial Militar às novas demandas e exigências da orientação estratégica norte-americana. Ou seja, para garantir o alcance dessa superioridade o Complexo Industrial Militar seria responsável pelo desenvolvimento de pesquisas de ponta nas áreas científica e tecnológica com o intuito de garantir a manutenção da condição de primazia dos Estados Unidos no cenário internacional. Desse modo, o Complexo Industrial Militar seria o “braço do Estado” responsável pelo desenvolvimento de contínuas inovações tecnológicas, oferecendo suporte à nova Estratégia Global Norte-Americana.

Essa estrutura de poder global é essencial para a efetivação da Grande Estratégia dos Estados Unidos de liberalização política e ideológica e abertura mercados aos interesses norte-americanos (Huntington, 1993; Mead, 2001; Layne, 2006). É essa Grande Estratégia que se associa a uma direção geral da política externa do país articulando os elementos centrais de sua política no que se refere às questões de segurança e defesa. Ainda que o fim da Guerra Fria tenha representado o esgotamento da estratégia de contenção, os interesses norte-americanos em relação à estabilidade da ordem internacional permaneceriam vinculados à estabilidade do ambiente internacional. Sua segurança e prosperidade permaneceriam como os principais condicionantes da política externa dos Estados Unidos.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

Mesmo em meio a todos os debates sobre declínio e sucessão hegemônica, os Estados Unidos são figura-chave na avaliação do cenário político mundial nos mais diversos campos: comercial, institucional, diplomático, estratégico, militar ou cultural. Portanto, não há região geográfica, regime político ou ordem econômica que não sejam afetados pelos desdobramentos das relações exteriores deste país.

Dessa forma, está clara a necessidade de estudar a maneira como se efetua, nos campos teórico e prático, a elaboração da política externa norte-americana. Principalmente no aspecto relativo à composição de sua estratégia de ação internacional. Ou seja, para que se tenha os subsídios corretos de análise da atuação dos Estados Unidos no cenário internacional, e conseqüentemente possibilitar avaliações mais precisas do rumo das relações internacionais, deve-se conhecer a fundo os atores envolvidos na formulação da estratégia de política externa estadunidense.

## REFERÊNCIAS

- ALBRIGHT, Madeleine. **Commencement Address**. Mount Holyoke College: May, 1997.
- ALVES, J. A. Lindgren. **Relações Internacionais e Temas Sociais: a Década das Conferências**. Brasília: Funag/IBRI, 2001.
- ARQUILLA, John; RONFELDT, David. **Networks and Netwars: the future of terror, crime and militancy**. Santa Monica: Rand, 2001.
- ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- ART, Robert J. A Defensible Defense: America's Grand Strategy After the Cold War. **International Security**, Vol. 15, No. 4, p. 5-53, Winter, 1991.
- ART, Robert J. Geopolitics Updated: The Strategy of Selective Engagement. **International Security**, Vol. 23, No. 3, p. 79-113, Spring, 1998.
- BARBÉ, Esther I. Multilateralismo: adaptación a un mundo con potencias emergentes. **REDI**, vol. LXII nº 2, 2010.
- BARBER, Richard. **Empresas multinacionais: poder, economia, estratégia**. São Paulo: ed. Atlas, 1972.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

BROOKS, Stephen. WOHLFORTH, William Reshaping the World Order. How Washington Should Reform International Institution. **Foreign Affairs**, Vol. 88, No. 2, p. 49-63, Mar/Apr 2009.

BRZEZINSKI, Zbigniew. Order, disorder and U.S. leadership. **The Washington Quarterly**, vol. 15, No. 2, p. 05-13, Spring, 1992.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Choice: Domination or Leadership**. New York: Basic Books, 2004.

BUZAN, Barry. **The United States and the Great Powers: World Politics in the Twenty-First Century**. Cambridge: Polity Press, 2004.

BUZAN, Barry. A Leader Without Followers? The United States in World Politics after Bush. **The Global Policy Institute**, Policy Paper, No. 2, 2007.

CHOLLET, Derek; GOLDGEIER, James. **America between the wars, 11/9 to 9/11: the misunderstood years between of the Berlin Wall and the start of the War on Terror**. New York: Public Affairs, 2008.

COLIN, Roberto. **Rússia: o ressurgimento da grande potência**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2007.

COX, Robert W. Social Forces, States and World Orders: beyond International Relations Theory. In: KEOHANE, Robert. O. (ed.). **Neorealism and its Critics**. New York: Columbia University Press, 1986.

DAALDER, Ivo; DESTLER, L. M. **In the Shadow of the Oval Office: The President's National Security Adviser and the Making of American Foreign Policy**. New York: Simon & Schuster, 2008.

EISENHOWER, Dwight. **Military-Industrial Complex Speech**. The White House. United States Capitol, Washington, D.C., 1961.

FUKUYAMA, Francis. The End of History? **The National Interest**. July, 1989.

GILL, Stephen; LAW, David. **The Global Political Economy: Perspectives, Problems and Policies**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1988.

GUIMARÃES, Samuel P. **Desafios Brasileiros na Era dos Gigantes**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HUNTINGTON, Samuel. A mudança nos interesses estratégicos americanos. **Política Externa**, Vol. 1, No 1, p 16-30, 1992.

HUNTINGTON, Samuel. Why international primacy matters. **International Security**, Cambridge: MIT Press Vol. 17 No. 4, 1993.

IKENBERRY, G. John. **Liberal order & Imperial ambition**. Cambridge: Polity, 2006.

JARECKI, Eugene. **The American Way of War**. Guided Missiles, Misguided Men and a Republic in Peril. New York: Simon and Schuster, 2008.

JERVIS, Robert. **American Foreign Policy in a New Era**. New York: Routledge, 2005.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

JOHNSON, Chalmers. **Blowback**. The Costs and Consequences of American Empire. Henry Holt, 2000.

JOHNSON, Chalmers. **The Sorrows of Empire**: Militarism, Secrecy, and the End of the Republic. New York: Metropolitan/Owl Books, 2004.

KALDOR, Mary. **New and Old Wars**. Organized Violence in a Global Era. Cambridge: Polity Press, 1998.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e Queda das Grandes Potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000**. Rio de Janeiro: Campus, 1989

KEOHANE, Robert O; NYE, Joseph. **Power and Interdependence**. Scott: Foresman and Company, 1977.

KEOHANE, Robert O. **After Hegemony**. Cooperation and Discord in the World Political Economy. Princeton: Princeton University Press, 1984.

KEYSSAR, Alexander. **The Balancing Act of Barack Obama**. Estudos e Análises de Conjuntura No. 03. Observatório Político dos Estados Unidos. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para o estudo das Relações Exteriores dos Estados Unidos-INEU. Janeiro, 2011.

KHANNA, Parag. **The Second World**. Londres: Penguin Books, 2008.

KLARE, Michael. **Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict**, New York: Metropolitan Books, 2001.

KRAUTHAMMER, Charles. The Unipolar Moment. **Foreign Affairs**, Vol. 70, No. 1, 1990/91.

KRAUTHAMMER, Charles. The Unipolar Moment Revisited. **The National Interest**, New York: The Nixon Center, 2002.

KRAUTHAMMER, Charles. A New Type of Realism. **The National Interest**, New York: The Nixon Center, 2003.

LAYNE, Christopher. **The peace of illusions**. American grand strategy from 1940 to the present. New York: Cornell University Press, 2006.

LEFFLER, Melvyn; LEGRO, Jeffrey. **To lead the world**: American strategy after the Bush doctrine. NY: OUP, 2008.

LINDSAY, James. Deference and Defiance: The Shifting Rhythms of Executive-Legislative Relations in Foreign Policy. **Presidential Studies Quarterly**, Vol. 33, No. 3. Center for the Study of the Presidency, September, 2003.

MAGDOFF, Harry. **A Era do Imperialismo**: a economia da política externa dos Estados Unidos. Porto: Portucalense, 1972.

MAMPAEY, Luc; SERFATI, Claude. Os grupos armamentistas e o mercado financeiro: rumo a um compromisso de guerra sem limites? In: Chesnais, François. **A Finança Mundializada**. Raízes sociais e políticas, configuração, conseqüências. São Paulo, Boitempo: 2005.

MANN, Michael. **Incoherent Empire**. New York: Verso, 2003.

McGANN, James G.; WEAVER, Kent. (Ed) **Think Tanks and the Civil Societies**: Catalysts for Ideas and Actions. New Brunswick: Transaction Publisher, 2000.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

MEDEIROS, Carlos A. O Desenvolvimento Tecnológico Americano no Pós-Guerra como um Empreendimento Militar. In: Fiori, José L. **O Poder Americano**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MEAD, Walter Russell. **Special Providence**: American foreign policy and how it changed the world. Knopf, New York, 2001.

MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics** New York: WW Norton, 2001.

NIC, National Intelligence Council. **Mapping the Global Future**. Report of the National Intelligence Council's 2020 Project. The White House: National Intelligence Council, December, 2004.

NSB, National Science Board. **Science & Technology Policy: past and prologue**. New York: National Science Foundation, 2000.

NSC, National Security Council. **National Security Strategy of the United States**. The White House: National Security Council, 1991.

NSC, National Security Council. **A National Security Strategy of Engagement and Enlargement**. The White House: National Security Council, February, 1995.

NSC, National Security Council. **National Security Strategy For A New Century**. The White House: National Security Council, September, 2002.

NSC, National Security Council. **National Security Strategy For A New Century**. The White House: National Security Council, September, 2006.

NSC, National Security Council. **U. S. National Security Strategy**. White House: National Security Council, May, 2010.

NYE Jr., Joseph S. **Bound to lead**. New York: Basic Books, 1990.

NYE Jr., Joseph S. **O paradoxo do poder americano**: porque a única superpotência do mundo não pode seguir isolada. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

OBAMA, Barack H. **Address to a Joint Session of Congress and the American People**. The White House. United States Capitol, Washington, D.C. January, 2011.

OLIVEIRA, Marcelo F.; MOREIRA Jr., Hermes. Uma nova hegemonia norte-americana? Contingência ambiental e novas fronteiras de acumulação de riquezas. In: Corsi, F. L. **Dimensões da Crise do Capitalismo Global**. O Brasil e a Crise da Mundialização do Capital. Londrina: Praxis, 2009.

O.M.B., Office of Management and Budget. **A New Era of Responsibility**: Renewing America's Promise. Washington: Executive Office of the Presidente of the United States, 2009.

PECEQUILO, Cristina S. **A Política Externa dos Estados Unidos**: Continuidade ou Mudança? Porto Alegre: UFRGS, 2005.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Informe sobre desarrollo humano**. México: Fondo de cultura económica, 1994.

POSEN, Barry R.; ROSS, Andrew L. Competing visions for US Grand Strategy. **International Security**, Vol. 21, No. 3, 1996-97.

Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

POSEN, Barry R. **Command of the Commons** The Military Foundation of U.S. Hegemony International Security, Vol. 28, No. 1, p. 5-46, Summer, 2003.

POWELL, Colin L. U.S. Forces: Challenges Ahead. **Foreign Affairs**, Vol. 71, No. 5, Winter 1992.

RACY, Joaquim C.; SILBERFELD, Jean-Claude E. Defesa nacional, complexo industrial-militar e mobilização. **Revista de Economia Mackenzie**. Ano 3. Nº. 3, 2005.

RAMALHO da Rocha, Antonio Jorge. O Sistema Político dos EUA: Implicações para suas Políticas Externas e de Defesa. **Contexto Internacional**, Vol. 28, No. 1. IRI-PUC, Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Brasil. Janeiro-Junho. 2006.

RICE, Condoleezza. Rethinking the National Interest. American Realism for a New World. **Foreign Affairs**, Vol. 87, No. 4, 2008.

SANTOS, Fabiano. Estados Unidos: Dimensões Histórica, Política e Cultural. In: Fundação Alexandre de Gusmão. (Org.). **O Brasil No Mundo Que Vem Aí** - III Conferência Nacional de Política Externa. Brasília: FUNAG, Vol. 1, 2008.

SARGENT Jr. John F. **Federal Research and Development Funding: FY2011**. Washington: Congressional Research Service, 2011.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. 1ª ed. 1942.

TODD, Emmanuel. **Depois do Império: a decomposição do sistema americano**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

U.S.D.D., **Defense Planning Guidance**. Washington: United States Department of Defense, Feb. 1992.

U.S.D.D. **Quadrennial Defense Review Report**. Washington: Department of Defense, Feb, 1997.

U.S.D.D. **National Defense Strategy**. Washington: Department of Defense, Jun, 2008.

U.S.D.S., **Strategic Plan for International Affairs**. Washington: United States Department of State. Agency for International Development, 1999.

U.S.D.S., **Strategic Plan for International Affairs**. Washington: United States Department of State. Agency for International Development, 2003.

U.S.D.S., Eficiência Energética: o primeiro combustível. **EjornalUSA**, Bureau de Programas de Informações Internacionais. Vol. 14 Nº 4, 2009.

VELASCO e Cruz, Sebastião C. **Um novo curso? As escolhas de Obama e a política mundial**. Estudos e Análises de Conjuntura No. 01. Observatório Político dos Estados Unidos. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para o estudo das Relações Exteriores dos Estados Unidos-INEU. Janeiro, 2010.

VIZENTINI, Paulo F. O sistema mundial entre a uni e a multipolaridade. In: VIZENTINI, Paulo; WIESEBRON, Marianne (org.). **Neohegemonia Americana ou Multipolaridade?** Pólos de Poder e Sistema Internacional. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. **After Liberalism**. New York: New Press, 1995.



Ano IX	Volume IX	Nº 19	Julho/Dezembro 2013	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	-------	---------------------	----------------	----------------

[www.revistaintellector.cenegri.org.br](http://www.revistaintellector.cenegri.org.br)

WALT, Stephen. Beyond Bin Laden: Reshaping U.S. **International Security**. Vol. 26 No. 3, p. 56-78, Winter, 2002.

WALTZ, Kenneth N. **Theory of International Politics**. New York: McGraw Hill, 1979.

WITTKOPF, Eugene; McCORMICK, James. **The domestic sources of american foreign policy: insights and evidences**. Washington, Rowman & Littlefield Pub Inc, 2004.

WOHLFORTH, William C. The Stability of a Unipolar World. **International Security**. Vol. 24, No. 2, p 5-41, Summer 1999.

ZAHRAN, Geraldo N. **A Tradição Liberal dos Estados Unidos e sua Influência nas Reflexões sobre Política Externa**. Um Diálogo com as Interpretações Realistas e Idealistas. Dissertação de Mestrado IRI/PUC-RIO, 2008.

ZAKARIA, Fareed. **The post-American World**. New York/London: Norton & Company, 2008.

